



novidade

ANO 5 - NÚMERO 22
Maio/2017

Curso G9
ITAJUBÁ-MG

Tudo o que podemos ser

Palestra de Nicolas Brito Sales integrou a programação do Mês do Bem-Querer do Curso G9: o respeito às diferenças e a educação inclusiva em pauta





LUGAR DE GENTE FELIZ!

Sumário



6

Saber respeitar as diferenças

14

Direitos Humanos de forma lúdica

15

Gabriel García Márquez: personificação da América

02 Lugar de gente feliz

03 Sumário

04 Mensagem

05 Katrien e o Currículo Funcional

07 Respeitar as diferenças ou ser intolerante?

08 Vontade e apoio se entrelaçam, se irmanam

09 Sou igual nas diferenças!

10 Não seja um porquê

11 Somos todos diferentes

12 Momento de troca e partilha de saberes e valores

13 A árvore de cabeça para baixo

16 União e foco nas conquistas do Handebol

17 Orgulho de mãe em dose dupla

18 Um pouco de história

19 Cartografando nos cantos do G9

20 Biblioteca: espaço vivo e atraente

21 A primeira semana da minha filha na escola, e nossa adaptação

22 Prazer e alegria na adaptação escolar

23 A riqueza das diferenças

24 Saúde em pauta: alimentação balanceada

25 Para um futuro saudável

26 Música: Ferramenta na transformação social

27 A música muda o mundo e o mundo muda a música

28 Uma revista para todos

29 Hora de escolher o caminho a seguir

30 Um clube para quem gosta de Ciências

31 Próxima edição

Expediente

Gnovidade é uma publicação quadrimestral do Curso G9. Envie sugestões, textos e fotos para gnovidade@curso-g9.com.br

Direção Pedagógica

Maria Aparecida Fernandes

Direção de Planejamento

Giovanni Henrique Faria Floriano

Direção Administrativa

Hilson Háliz Dias Perlingeiro

Conselho Editorial

Estela Maria de Oliveira (Ensino Fundamental II), Marcia Gil de Souza (Ensino Médio e Pré-vestibular), Nilceia J. Ribeiro C. Pereira (Ensino Fundamental I), Jéssika Antunes Dias Ferreira (Educação Infantil) e Cecília C. R. Passos (Marketing)

Jornalista Responsável

Bill Souza - (MTB 25.949 – SP)

Fotos:

Bill Souza e Victor Bourdon

Projeto Gráfico

Contexto Assessoria em Comunicação
 (35) 3622-6827 e 8828-0861

Capa:

Foto de Bill Souza



**RESPEITO ÀS
 DIFERENÇAS**

Educação inclusiva: atitude para transformar

Maria Aparecida Fernandes
 Diretora Pedagógica

A escola, ambiente social por natureza, é um espaço onde as diferenças se encontram; nela, o pátio e a sala de aula podem tanto unir quanto segregar. Um de seus desafios é lidar com a diversidade e promover o respeito entre todos a fim de manter a promoção da igualdade e dos direitos humanos e eliminar o preconceito, mal que grassa em nossa sociedade.

O Curso G9, fundamentado no princípio de que a educação é o alicerce para o desenvolvimento de todo cidadão e para a transformação da sociedade, entende que o trabalho educacional inclusivo está entre as ações fundamentais para eliminar a discriminação. Entende, outrossim, que é necessário ter ciência de que os dilemas e os desafios da inclusão não serão resolvidos do dia para a noite, apenas pela força da lei.

Essa missão desafiadora exige que toda comunidade escolar esteja muito bem preparada, pois a variedade e os graus de necessidades especiais demandam de nossa equipe, cada vez mais, propostas pedagógicas bem adaptadas e metodologias eficientes. Por isso, a importância da capacitação contínua, das reuniões sistemáticas, das palestras, dos encontros. Tais práticas nos permitem dividir expectativas, compartilhar experiências, comungar esperança e ratificar a certeza de que a educação só será inclusiva e transformadora se atingir a todos com respeito, com responsabilidade, com compreensão, com integração.

Um dia de abraço sensibiliza, um mês de bem querer conscientiza, porém são as ações diárias, as atitudes do dia a dia no ambiente escolar, na labuta da sala de aula que fazem a inclusão acontecer. Portanto, é fundamental que nossa escola faça tudo o que tem o dever de fazer para que nossos alunos possam ser tudo o que têm o direito de ser.



Este foi o mote dos trabalhos iniciais do ano letivo e das atividades de integração dos alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I do Curso G9.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Katrien e o Currículo Funcional

O Curso G9 é uma das raras escolas que realmente faz uma inclusão dos alunos em sala de aula. Geralmente, as escolas fazem uma inclusão 'pro forma, no papel'; na realidade, não estão fazendo nada que ajude os estudantes com algum tipo de deficiência.

Katrien Van Heurck

Ortopedagoga e especialista em autismo e deficiência intelectual

Livia Carvalho Mota Bueno

Professora de Língua Inglesa – Ensinos Infantil, Fundamental I e II

Ser escola inclusiva é se reconstruir dia após dia. Ser educador inclusivo é sair do que é considerado normal ou dentro dos padrões. Lidar com necessidades especiais de educação é perceber que ainda há muito o que ser aprendido. Dentro desse contexto, nossa escola tem buscado capacitar professores e funcionários para uma educação cada vez mais humanizada. E no Mês do Bem-Querer, a convite do Serviço de Educação Inclusiva do Curso G9, a ortopedagoga e neuropsicopedagoga Katrien Van Heurck, especialista em autismo, veio à escola dar uma palestra aos professores e coordenadores.

Sua fala foi sobre “Currículo Funcional Natural” (CFN), uma metodologia voltada para pessoas com dificuldades na comunicação, na interação social, no comportamento e na aprendizagem. Ele é funcional porque ensina tudo o que a criança precisa para ter uma vida com qualidade, imediatamente e a longo prazo, e é natural, pois o ambiente de ensino e a forma da aprendizagem são os mais semelhantes possíveis ao cotidiano do aluno. Nessa proposta, o atendimento deve ser individual e diferente para cada aluno, com o objetivo de aumentar sua autonomia e bem-estar. Le Blanc¹, uma das precursoras do CFN, defende sua aplicação para “tornar o aluno mais independente e produtivo e também mais aceito socialmente.”

A aprendizagem se refaz nas



Professores durante palestra sobre currículo funcional: a aprendizagem se refaz nas trocas de conhecimento e experiências

trocas de conhecimento e experiências e por isso foi tão importante aprender um pouco sobre adaptação de ensino com a Katrien. Como professora inclusiva, de alunos inclusivos, em uma escola inclusiva, sinto-me responsável por garantir que todos aprendam o que necessitam aprender para viver bem. Mas quero, acima de tudo, ser capaz de mostrar o mundo ao meu aluno, permitindo que ele construa seus saberes a partir do que lhe é possível.

Segundo Katrien, o Currículo Funcional não tem receita pronta; assim como a educação, ele é feito diariamente, na base de muita prática e reflexão, criando sempre oportunidades para que o aluno alcance todo seu potencial.



Espero que a nossa escola, por sua vez, continue nos proporcionando oportunidades tão ricas para que possamos também aprender e alcançar o nosso melhor potencial como professores. 🍎

¹ LE BLANC, J.M. El Currículum Funcional en la educación de la persona con retardo mental: Trabalho apresentado na ASPAN-DEM. Mallagra, Espanha, 1992

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Saber respeitar as diferenças

Anna Lara Oliveira Pinto

Aluna do 9º ano – Ensino Fundamental II (Turma F92)

Em uma sociedade, é comum a existência de diferenças na maneira de trabalhar, de se expressar e, até mesmo, de ser, física e psicologicamente. Essas divergências sempre estão presentes no nosso dia a dia e, por meio delas, conseguimos aprender e promover pequenas mudanças diárias que, em conjunto, possuem grandes resultados.

Pensando nessas diferenças, o Serviço de Educação Inclusiva (SEI) do Curso G9 teve a iniciativa de realizar o Mês do Bem-Querer, dando ênfase ao Dia Internacional da Síndrome de Down e ao Dia Mundial de Conscientização do Autismo. Durante o mês de abril, foram realizadas diversas atividades, envolvendo música, filmes, oficinas pedagógicas e uma adaptação nas aulas de Educação Física, permitindo aos alunos vivenciarem a experiência de ter alguma deficiência.

Por meio dessa e de diversas outras atitudes é possível realizar mudanças tanto no ambiente escolar quanto em situações cotidianas.



Alunos durante atividades do Mês do Bem-Querer: adesivos e peças teatrais para sensibilizar a comunidade escolar

Com a disponibilização de informações, conscientização e compreensão das diferenças, conseguimos

mudar nossas atitudes e promover um bem-estar geral. Ao entender a situação, percebemos que todos

são diferentes e é isso que torna cada um especial, da sua maneira e do seu jeito único de ser. ■

É realmente diferente?

Vinícius Ferreira dos Santos

Aluno do 8º ano – Ensino Fundamental II (Turma F81)

Dia Internacional da Síndrome de Down, 21 de março: naquele dia, a professora Lívia trouxe um tema intrigante, que falava sobre Educação Inclusiva.

Vimos um vídeo sobre uma criança com Síndrome de Down e discutimos sobre ele. Foram diversas opiniões, todas elas, mostrando que as pessoas que possuem algum tipo de deficiência não são diferentes e sim pessoas normais com apenas algumas necessidades especiais.

Às vezes, existe um pré-conceito gerando, na maioria

das vezes, um preconceito que esse tipo de pessoa sofre. Isso não deveria existir, deveríamos tratar todos de uma mesma forma, com respeito e educação.

Existem diversas pessoas com deficiências ao nosso redor, que nos ajudam e nos ensinam lições, portanto não podemos julgá-las nem tratá-las mal.

O Curso G9 acolhe as pessoas com essas necessidades e as ensina com respeito e dedicação, proporcionando tanto para esses alunos quanto para os funcionários e para os colegas uma experiência de vida única. ■



EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Respeitar as diferenças ou ser intolerante?

Isadora de Sá Oliveira

Aluna do 9º ano – Ensino Fundamental II (Turma F91)

P rimeiramente, vocês sabem o que é intolerância? Em um contexto geral, é não respeitar as diferenças ou opiniões dos outros. Existe intolerância a vários tipos de coisas como: religião, política, diferença de gêneros, cultura e muitas outras. Todos nós convivemos em um mundo onde há muitas imperfeições e diferenças, não tem nada mais justo do que aceitá-las. Se uma ideia contrariar a minha ou se ocorrer uma incerteza da minha parte, é muito provável que eu não vá aceitá-la. Se eu vir que tal ideia não é tão diferente ou que se relaciona à minha, é mais fácil de aceitá-la.

Você já se imaginou seguindo certa religião e sofrer perseguições e ser maltratada por as pessoas não aceitá-la? Já pensou como seria horrível? Infelizmente, isso acontece com muitas pessoas. Iraque, Israel, Sudão e muitos outros países tiveram guerras por conta da intolerância religiosa.

O racismo é uma forma de intolerância que ainda está presente na nossa sociedade, mas antigamente as pessoas que tinham um tom de pele mais escuro eram muito prejudicadas a ponto de não terem o mesmo direito que os brancos. A intolerância racial é, muitas vezes, motivo para exclusão das pessoas, o que é totalmente errado. Aqui no Brasil, os negros ainda sofrem preconceito não só por causa do tom da pele, mas também pela classe social.

Já aconteceram muitos casos em que uma atitude intolerante levou a tragédias e brigas. A intolerância religiosa e racial são apenas alguns exemplos.

Hoje muitos não aceitam a opinião de outras pessoas. Ao invés de aproveitar a oportunidade de ouvir a ideia, aceitá-la e ter um conhecimento maior sobre certo assunto, fazem o contrário:

A música é cenário para qualquer tipo de ambientação de sentimentos e não há nada mais especial do que ela para falar de assuntos tão nobres quanto as diferenças e as síndromes.

João Cesar da Silva
Professor de Música e regente da Orquestra Experimental do G9

ignoram e ficam somente com o argumento próprio. Ao ouvir a opinião de outras pessoas, podemos enxergar que estamos errados ou até mesmo podemos complementar ou estabelecer uma relação.

No momento atual, é muito comum a discussão em muitos ambientes sobre as diferenças, isso é muito importante para que, cada vez mais, as pessoas estejam dispostas a ouvir a opinião dos outros e a aceitá-la, dessa forma muitos conflitos serão evitados e, quem sabe, a intolerância deixará de existir. ■



Um Intervalo Musical, recheado de canções que tratam do respeito às diferenças, marcou a apresentação do grupo no Mês do Bem-Querer



AUTISMO

“Podemos ser o que quisermos ser” foi o tema da palestra de Nicolas Brito Sales, que reuniu, no Curso G9, centenas de pessoas da microrregião de Itajubá. Desde 2011, Nicolas percorre o Brasil, juntamente com sua mãe Anita Brito, para falar o que é ser autista e estar inserido na sociedade e na escola regular.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Vontade e apoio se entrelaçam, se irmanam

Taiza Santos Dias Costa da Silva
 Cristiani Lenze de Menezes
 Maria Francisca de Oliveira
 Coordenadoras – Centro Cultural Clotilde Framil de Itamonte/MG

Entende-se que, no cotidiano escolar, o projeto de inclusão de portadores de algum tipo de deficiência, sendo essa mental, física, transtornos, entre outras, ainda encontra dificuldades para ser aplicado em escolas regulares. É preciso a superação de preconceitos e a adequação das exigências necessárias para trabalharmos de forma equitativa com tais necessidades especiais.

Desse modo, com o intuito de preparar os professores para lidar com tais situações, o Centro Cultural Clotilde Framil aceitou a solicitação dos pais de um aluno matriculado em nossa escola, que convidaram a equipe de profissionais do Curso G9 de Itajubá, o qual já lida com a experiência de inclusão, para esclarecer e auxiliar o modo de agir em diversas situações de aprendizagem, bem como levantar questões pertinentes aos tipos de deficiência que se podem encontrar nas escolas.

Com uma equipe competente, o Grupo do G9 direcionou nossos educadores no modo de tratar as diferenças e elucidou a necessidade de incluirmos tais alunos juntos com outros colegas para, com a interação, poder desenvolver suas faculdades cognitivas.

Falou-se de vários tipos de deficiências, como: déficit de atenção, transtornos, hiperatividade, Síndrome de Down, dentre tantos outros desafios que aumentam a responsabilidade do professor. Assim, percebe-se que nossa escola precisa definir seu papel e suas possibilidades perante às inclusões, levando em consideração a indispensabilidade de se adequar a essa nova situação, procurando capacitar professores para atuarem nas diversas deficiências de forma a saná-las, quando possível, ou reduzi-las, nos casos mais graves.



Foi um momento muito enriquecedor para todos nós. Pudemos levar um pouco de informação sobre o tema e relatar o processo pelo qual passamos aqui no Curso G9. Agora, queremos dar um passo mais e compartilhar atividades práticas com a escola de Itamonte e com outras interessadas.
Estela Maria de Oliveira
Coordenadora do Ensino Fundamental II e integrante do SEI

Nossa escola só tem a agradecer a disponibilidade e a atenção dispensada a todos nossos integrantes e espera, em um futuro próximo, realizar a educação de todas as pessoas, indistintamente, assim como tão nobre grupo. Muito obrigadas a todos integrantes do G9, toda nossa equipe aprendeu a olhar diferente para as variadas



O Curso G9 participou ativamente das atividades do Dia Mundial de Conscientização do Autismo, organizado pelo Gapa – Grupo de Amigos e Pais dos Autistas, na Praça Theodomiro Santiago. O colégio ofereceu oficinas de Xadrez, Lego e Pintura, além de uma sessão de Tai Chi Chuan.

necessidades. Os ensinamentos de vocês não só serviram para nosso cotidiano escolar como foram exemplos para nossa vida. ■

Taiza é coordenadora da Educação Infantil; Cristiani, do Ensino Fundamental I; e Maria Francisca, do Ensino Fundamental II

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Sou igual nas diferenças!

Leonardo Yagui
Aluno do 9º ano – Ensino Fundamental II (Turma F92)

Meu nome é Leonardo Yagui e eu possuo Transtorno do Espectro Autista. Não, isso não significa que eu seja louco, mas sim que enxergo o mundo de outro modo. Algumas coisas simples do dia a dia podem ser um pouco difíceis para mim: fazer novos amigos, compreender brincadeiras e entender expressões faciais.

Às vezes, eu posso não escutar o que dizem, mas isso acontece porque eu estou pensando várias coisas de uma só vez. E, quando o turbilhão de pensamentos na minha cabeça é muito grande, eu preciso me isolar para botá-los em ordem. Inclusive, gosto de tudo organizado, sem nada fora do lugar. Eu posso não gostar de certas brincadeiras por achar que são feitas por mal e, às vezes, eu acabo levando as coisas ao pé da letra.

Já foi pior. Antes, eu me sentia isolado, preso no meu mundo. As pessoas não me compreendiam.



Alunos do Ensino Fundamental I prepararam uma Saída Musical especial no Mês do Bem-Querer

Já tive até vontade de parar de falar. As dificuldades foram superadas aos poucos. No meu caso, tive a ajuda da minha família, do meu terapeuta, da minha médica,

da minha escola e de meus amigos. Hoje, sou uma pessoa normal como qualquer outra – com defeitos, qualidades e características que nos tornam únicos. Torço para

que o legado do dia 2 de abril seja lembrado todos os dias, para que preconceito e discriminação sejam substituídos por compreensão e integração. ■

Conhecer, aceitar e conviver

Amina Milasch Fonseca Teixeira
Aluna do 8º ano – Ensino Fundamental II (Turma F81)

Ultimamente, no Curso G9, os professores têm trazido para a sala de aula discussões acerca da diversidade presente no nosso cotidiano, principalmente, relacionadas às pessoas com deficiência.

No dia 21 de março, nós, do 8º ano, tivemos uma parte das aulas usada para uma reflexão a respeito da Síndrome de Down, já que se comemora nesta data o Dia Internacional da Síndrome de Down, que é uma síndrome gerada pela trissomia (3 cromossomos, por isso mês 3) do cromossomo 21.

O Dia Mundial da Conscientização do Autismo é 2 de abril, o mês Azul. A cor azul foi escolhida porque a síndrome é mais comum nos meninos – na proporção de quatro meninos para cada menina.

Pensando nessas datas, o Curso G9 nomeou abril como o “Mês do Bem-Querer” e promoveu diversas atividades relacionadas às dificuldades: tivemos aulas de educação física adaptadas para que todos nós “sentíssemos” a deficiência. Também tivemos discussões em classe, cineclubes com filmes relacionados ao assunto e várias outras atividades.



Uma em cada 68 crianças pode estar no espectro autista, o que é um índice significativo, e muitos nunca recebem o diagnóstico, já que esse transtorno é ainda um quebra-cabeça para a ciência.

Isso tudo é muito importante para podermos conhecer, aceitar e conviver com as nossas diferenças. ■

MAIS FOTOS



EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Não seja um porquê

A série e o livro me chamaram a atenção porque falam sobre um assunto que não costumamos discutir muito. Depois de ler o livro, você realmente nota as dimensões que uma simples brincadeira de mau gosto pode causar: muitos adolescentes, que estão em depressão ou sofrendo bullying, resolvem passar por essas dificuldades sozinhos, sem contar para os pais. Esse não é o caminho correto.

Hannah Clara Oliveira

Aluna do 8º ano – Ensino Fundamental II (Turma F82)

Ana Livia Santos Franqueira

Aluna do 8º ano – Ensino Fundamental II (Turma F82)

Até que ponto o assédio, o bullying e a invasão de privacidade podem levar um adolescente a questionar-se ou mudar de atitude? A nova série da Netflix, baseada no livro “Os Treze Porquês” de Jay Asher, retrata uma situação que vem sendo comum entre os adolescentes: o suicídio. Nela, a jovem Hannah Baker suicida, mas, antes, grava em sete fitas cassetes os treze motivos que a fizeram tomar essa decisão. A série já fez muito sucesso logo após a sua estreia, porém o mais impressionante foi o impacto



que gerou nos telespectadores. A CVV (Centro de Valorização à Vida) – organização de voluntários que atua na prevenção do

suicídio e oferece apoio para vítimas de problemas psicológicos – constatou que a busca por ajuda aumentou mais de 100% após a estreia da série, em março. Em pelo menos 50 casos, as vítimas mencionaram “Os 13 Porquês” como incentivo. A CVV atende 24 horas por dia pelo telefone 141 e por outras mídias, com atendimento anônimo.

Nas redes sociais, os fãs da série criaram uma campanha com a tag #NãoSejaUmPorquê, onde pedem o fim do bullying e do assédio. Até celebridades fizeram parte da campanha, como a atriz brasileira Vera Holtz. ■

DIA DO ABRAÇO

Uma tarde de abraços e música encerrou as atividades de abril dos alunos da Educação Infantil. A atividade integrou a programação do Mês do Bem-Querer, promovido pelo Serviço de Educação Inclusiva (SEI) do Curso G9 e pela coordenação pedagógica de cada segmento do colégio. Os alunos cantaram, distribuíram abraços e mimos para os pais - um enfeite de carro em forma de coração de braços abertos, representando o respeito às diferenças.



EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Somos todos diferentes



O grupo de basquete adaptado para cadeirantes “Mãos de Fogo” durante partida de demonstração com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II

Maurício Ferreira
Técnico do Time de Cadeirantes “Mãos de Fogo”

A inclusão é uma responsabilidade muito mais complexa do que parece. As vantagens competitivas do sistema em que vivemos exigiram, até agora, a automatização de processos produtivos, que por sua vez induziu à uma padronização do pensamento a respeito da vida e da própria vida. A uniformidade do Ser sempre beneficiou a automatização dos processos e, conseqüentemente, o Ter e suas vantagens competitivas. Pessoas com características semelhantes de gosto, comportamento, cultura e tudo o mais podem consumir soluções padronizadas e produzidas em larga escala pelos automatismos.

Quando adotamos a solução da padronização de processos e pessoas em nossa sociedade moderna, não excluímos deliberadamente o diferente, mas o condenamos a uma estrutura de vida inadequada, a um pensamento generalista excludente, a uma disfarçada segregação. E viver com qualidade não comporta essas conseqüências alarmantes. Então, a nossa sociedade adoeceu. Ado-

eceu da igualdade – não aquela dos direitos, mas a de condições. Adoeceu da falta de espaço para o diferente, da falta de olhares para o diferente. Adoeceu de falta da diferença!

Quando o Curso G9 considerou, em seu sistema organizacional, a criação de um mecanismo administrativo e cultural como o Serviço de Educação Inclusiva – o SEI –, houve um rompimento efetivo, verdadeiro e real com a estrutura convencional e a adoção de uma solução consistentemente contemporânea, que contribuiu para um redirecionamento do atual sistema socioeconômico e cultural.

Nesse contexto, o Mãos de Fogo, time de basquete adaptado de Itajubá que treina no G9, ressurge das cinzas dos dois últimos anos de dificuldades ao encontrar uma estrutura digna de seus objetivos, uma organização que o considera de modo franco, que o inclui respeitosamente para se permitir mais repleto da diversidade, uma instituição que o respeita e o admira como mais uma força viva da existência de todos nós. ■

AULA INCLUSIVA

Uma aula de Educação Física diferente e inclusiva. Essa foi a maneira de integrar as turmas do 7º ano do Ensino Fundamental II com os alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que fizeram visita ao colégio, em abril.



REUNIÃO DE PAIS

Momento de troca e partilha de saberes e valores

Glauber Márcio da Silva Luz

Professor de Ciências – 9º ano do Ensino Fundamental II e Química – Ensino Médio

Mais uma reunião de pais?

Não, essa não foi mais uma reunião de pais, foi um encontro com pais. Naquela noite de 15 de maio, pais e professores das turmas de 7º e 9º anos do Ensino Fundamental II puderam dialogar sobre valores, educação, processo pedagógico e desenvolvimento, e de forma individualizada.

Foi um momento de muita troca, de conhecimento de pessoas, de técnicas, de procedimentos e valores. Foi um momento de falar e ouvir, de conhecer e desconstruir, foi um momento de encontrarmos juntos, pais e professores, um caminho adequado ao desenvolvimento daqueles que são o centro de nossa ação: nossos filhos, nossos alunos.

Durante aquela noite de segunda-feira, os corredores não tinham o seu movimento típico, adolescentes e sua intrínseca euforia, mas havia a movimentação de pais à procura de informações, de respostas, pais que estavam ali buscando fornecer aos seus filhos uma caminhada mais adequada e,



ao mesmo tempo, desafiadora.

Aquele encontro com pais foi enriquecedor para nós professores, pois pudemos estreitar laços com a família, conhecer detalhes de nossos alunos que não tínhamos acesso e trocar experiências com os pais, sempre de modo a enriquecer todo o processo que busca a formação integral de nossos alunos. Foi enriquecedor aos pais, pois conhecer a diversidade dos professores mostra a preocupação do Curso G9 em realmente trabalhar valores que transformam.

O clima descontraído e próximo foi o que deu o tom do encontro. A possibilidade da mudança, do movimento, do diálogo e da discussão em pequenos grupos realmente fez com que essa reunião fosse uma das mais proveitosas das quais eu participei nos últimos tempos.

Que venham outros encontros com pais! Encontros em que todos sejamos pais, seja afetivo, biológico, moral, intelectual, proximal; enfim, sejamos todos pais preocupados com o futuro de quem amamos. ■



Pais, professores e coordenadoras pedagógicas se reuniram para discutir sobre o primeiro bimestre e preparar o segundo

LEITURA

A árvore de cabeça para baixo

Heloísa Pires Lima, Geoges Gneka e Mário Lemos
Salamandra

Nos primórdios da vida, o Criador fez surgir tudo no mundo. Ele criou primeiro o baobá, e só depois continuou a fazer tudo existir.

Mas ao lado do baobá havia um charco. O Criador havia plantado o primogênito bem perto de uma região alagadiça. Sem vento, a superfície daquelas águas ficava lisa como um espelho. O baobá se olhava, então, naquele espelho d'água. Ele se olhava, se olhava e dizia insatisfeito:

– Por que não sou como aquela outra árvore?

Ora achava que poderia ter os cabelos mais floridos, as folhas, talvez, um pouco maiores.

O baobá resolveu, então, se queixar ao Criador, que escutou por uma, duas horas as suas reclamações. Entre uma queixa e outra, o Criador comentava:

– Você é uma

árvore muito bonita. Eu gosto muito de você. Me deixe ir, pois preciso continuar meu trabalho.

Mas o baobá mostrava outra planta e perguntava: Por que suas flores não eram assim tão cheirosas? E sua casca? Parecia mais a pele enrugada de uma tartaruga. E o Criador insistia:

– Me deixe ir, você para mim é perfeito. Foi o primeiro a ser criado e, por isso, tem o que há de melhor em toda a criação.

Mas o baobá implorava:

– Me melhore aqui, e um pouco mais ali...

O Criador, que precisava fazer os homens e os outros seres da África, saía andando. E o baobá o seguia onde quer que ele

fosse. Andava pra lá e pra cá. (É por isso que essa árvore existe por toda a África.)

O baobá não deixava o Criador dormir. Continuava e continuava, e continuava sempre a implorar melhorias.

Justo a árvore que o Criador achava maravilhosa, pois não era parecida com nenhuma outra, nunca ficava satisfeita! Até que, um dia, o Criador foi ficando irritado, irritado, mas muito irritado, pois não tinha mais tempo pra nada. Ficou irado mesmo. E aí então se virou para o baobá e disse:

– Não me amole mais! Não encha mais a minha paciência. Pare de dizer que na sua vida falta

isso e aquilo. E cale-se agora.

Foi então que o Criador agarrou o baobá, arrancou-o do chão e o plantou novamente. Só que... dessa vez, foi de ponta-cabeça, para que ele ficasse de boca calada.

Isso explica sua aparência estranha; é como se as raízes ficassem em cima, na copa. Parece uma árvore virada de ponta-cabeça!

Até hoje dizem que os galhos do baobá, voltados para o alto, parecem braços que continuam a se queixar e a implorar melhorias para o Criador. E o Criador, ao olhar para o baobá, enxerga a África. ■



A árvore de cabeça para baixo (Uma história da Costa do Marfim).
Heloísa Pires Lima, Geoges Gneka e Mário Lemos. A semente que veio da África. São Paulo: Salamandra, 2005.

Ninguém é igual.
Todo mundo é diferente.
Todo mundo tem seus altos e baixos independente das aparências. Tenho muito talento para desenhos e para cores. Tenho fascinação por outras culturas e por videogame.

Renato Costa Serrano
Aluno do 5º ano – Ensino Fundamental I (Turma F51)

Todos nós temos qualidades, mesmo sendo feios ou bonitos, altos ou pequenos, negros ou brancos. Eu sou bom em Matemática e no futebol. Sou brincalhão e engraçado.

Theo de Oliveira Dias
Aluno do 5º ano – Ensino Fundamental I (Turma F51)

Todos nós somos diferentes e é isso que nos dá qualidades, como por exemplo: nosso temperamento e nosso jeito de pensar. Tenho facilidade com artesanatos, aprendo rapidamente as coisas. Sou paciente de vez em quando e sou (espero) legal com as pessoas.

Pietra Vidal Mendonça
Aluna do 5º ano – Ensino Fundamental I (Turma F51)

PRÁTICA PEDAGÓGICA

Direitos Humanos de forma lúdica

Victor Bourdon
Assessoria de Imprensa – Curso G9

Música e teatro marcaram o encerramento das atividades do primeiro bimestre dos alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio do Curso G9. A atividade aconteceu no ginásio da escola, em 3 de maio. As apresentações fizeram parte de uma atividade Interdisciplinar sobre Direitos Humanos, que envolveu as disciplinas de Filosofia, Geografia, História e Língua Inglesa.

A professora de Inglês, Patricia Magalhães, participante do projeto, acredita que, quando educamos os jovens, eles se tornam adultos conscientes e vão levar para a vida os temas debatidos durante os trabalhos. Para ela, quando se depararem com situações como essas apresentadas, não vão ficar indiferentes. Os trabalhos foram apresentados em inglês.

Durante o bimestre, os alunos estudaram, em cada uma das disciplinas envolvidas, os diversos direitos humanos presentes na Constituição Federal e na



Declaração Universal dos Direitos Humanos. A partir daí, foram orientados a escrever letras de músicas em inglês e elaborar, com essa temática, coreografias para dança, usando a música como um instrumento de intervenção que minimize o desrespeito ao ser humano. Dessa maneira, os professores, desde já, abordaram o tema da Feira do Conhecimento de 2017, que será a Música.

As apresentações de música e de dança contaram com a presença de alunos do Ensino Médio, do Fundamental I e da Educação Infantil, além de pais que puderam prestigiar os trabalhos apresentados. Diversos temas foram abordados durante as canções, tais como a violência contra a mulher, a repressão policial em protestos contra o atual governo, o racismo, o bullying nas escolas, o respeito

pelas diversas religiões, a liberdade de expressão e a homofobia. ■

MAIS FOTOS



Don't
Wake
me up

I heard some words without affection
Telling what I wasn't about to
And now I am so depressed
The women are turned down

Now we fight for our rights
Against the discrimination
Searching for a good relation
But we know, it's hard

Don't wake me up cause the world is bad
Let me dream with this freedom life
I don't wanna be only your wife
But now it's left only fight

Now the women are stronger
They can do what they want
Please just wake me up
When the genders are equal

Eu ouvi algumas palavras sem carinho
Dizendo que eu não era capaz
E agora estou tão depressiva
As mulheres estão decepcionadas

Agora nós lutamos pelos nossos direitos
Contra a discriminação
Buscando uma boa relação
Mas sabemos que isso é difícil

Não me acorde porque o mundo é ruim
Deixe-me sonhar com esta vida
Eu não quero ser apenas sua esposa
Mas, agora só nos resta lutar

Agora as mulheres estão mais fortes
Elas podem fazer o que elas querem
Por favor, só me acorde
Quando os gêneros forem iguais

Não
me
acorde

PRÁTICA PEDAGÓGICA

Gabriel García Márquez: personificação da América

Fernando Kauan Santos Costa
Aluno do 8º ano – Ensino Fundamental II (Turma F81)

Recebemos, na aula de Espanhol, uma proposta para fazer uma completa pesquisa acerca do escritor Gabriel García Márquez e apresentá-la em sala de aula, por meio de slides, vídeos ou outras ferramentas.

Gabo, como o escritor era popularmente chamado, foi um importante escritor colom-

biano, ganhador do prêmio Nobel de Literatura e ícone da literatura latino-americana. Em seus livros, abordava assuntos socioeconômicos e históricos indiretamente, fazendo-o por meio de assuntos meramente interpretativos – no livro Cem Anos de Solidão, por exemplo, a história colombiana é contada através da história da família Buendía.

Mas o que faz esse trabalho ser tão especial, na minha concepção, é o fato de proporcionar a interdisciplinaridade e de “aumentar nossa visão”. Quando temos a oportunidade de estudar um ícone, a literatura ou a cultura que está envolvida com a língua espanhola, passamos a enxergar a comunicação não só como elemento cultural, mas como base da sociedade, como algo precioso para a nação.

Ademais, faz com que aprendamos a lidar com diversas informações e fontes e com o conflito de ideias.

Trabalhos assim contribuem para a formação do perfil do aluno, para o crescimento da habilidade linguística e filosófica. Por meio de um autor, aprende-se a literatura inteira. Por meio de uma língua, aprende-se todas as outras. ■

A magia da leitura

Ana Lúvia e Hannah
Aluna do 8º ano – Ensino Fundamental II (Turma F82)

Tivemos a oportunidade de ouvir, no início do ano, uma palestra muito interessante da escritora Misa Ferreira. Mostrou-nos a importância da leitura e o quanto ela influencia na escrita. Aprende-

mos que escrever é importante quando estamos aflitos, porque libera as angústias que estamos sentindo.

Contou-nos sobre seu livro infantil, Dois Anjos e uma Menina, e o conto Lua Cheia, que embora pareça um conto de

terror, é uma comédia.

A autora, que é especialista em contos, falou sobre a importância da imaginação. De acordo com ela, a imaginação é o ponto forte desse tipo de história, porque ela nos permite imaginar coisas mágicas e extra-

ordinárias, coisas que vão além do nosso dia a dia.

Além da imaginação, é preciso ter criatividade, inspiração e, principalmente, paixão e entusiasmo pela leitura, e finaliza “Se escrever fosse fácil, não teria graça!”. ■



ARTE DE ESCREVER

Uma viagem pelo universo das histórias e da arte de escrever. Assim foi o encontro da escritora Misa Ferreira com alunos do Ensino Fundamental I e II do Curso G9. A palestra teve o objetivo de compartilhar com os estudantes a experiência trilhada pela autora na carreira, aproximar os alunos do processo criativo necessário a um escritor e mostrar que todos têm potencial para seguir esse caminho.

ESPORTES

União e foco nas conquistas do Handebol

Maria Cecília Mendonça
Aluna do 3º ano
Ensino Médio (Turma M32)

Garra, parceria, dedicação e trabalho em equipe. Esses foram nossos focos para conseguirmos a tão sonhada vitória, que não era apenas a conquista da medalha de ouro, mas também a superação das nossas próprias dificuldades.

Participar dos campeonatos de Handebol é uma das experiências mais incríveis que o G9 proporciona para seus alunos, mas todo preparo vai muito além dos 40 minutos dentro da quadra. Nosso time começou a se formar em 2011, quando ainda éramos bem novas. O medo de chegar a época do campeonato existia, mas a vontade de vencer e representar com garra a nossa escola sempre prevalecia e foi o que nos incentivou.

Nosso primeiro jogo não foi como gostaríamos porque, depois de tantos treinos, achávamos que o resultado deveria ser o melhor possível e, naquele momento, esperávamos ser a vitória, a melhor conquista. Porém, a primeira frustração não nos fez desistir; muito pelo contrário, foi a partir dela que começamos a aprender a nos unir e ir atrás do nosso objetivo. Isso só foi possível porque tínhamos o apoio de nossa treinadora, professora Valência, e de cada integrante do time que, com um abraço ou uma

palavra de motivação, mostravam que a verdadeira conquista era o aprendizado que levaríamos para a vida a partir de cada partida de handebol.

Depois de muitos treinos, conseguimos a tão sonhada vitória. Olhar para cada jogadora naquele dia era ver o reflexo do esforço e do amor por um esporte que não nos ensina apenas as táticas, fintas ou marcações próprias para o jogo, mas também nos prepara para os obstáculos que devem ser superados com o decorrer da nossa caminhada. Trabalhamos em equipe, dominamos nossas dificuldades e criamos amizades, de que nunca esqueceremos.

Neste último ano, percebo que cada esforço, choro, alegria, treino, derrota e vitória foram necessários para a evolução do nosso time e que, se conseguimos tudo isso, devemos à professora Valência, que sempre nos incentivou, nos mostrou que a real vitória vinha do esforço de cada uma e que torceu por nós a cada jogo.

Por esses e outros motivos, agradeço imensamente a especial oportunidade de representar nossa escola e participar desse time, com a certeza de que jamais esqueceremos os ensinamentos e os bons momentos em que representamos nossa escola. 🍷





JEMG 2017

TÍTULOS FASE MUNICIPAL Itajubá/MG

Módulo I
Vôlei Masculino

Módulo II
Handebol Feminino
Handebol Masculino
Vôlei Feminino
Vôlei Masculino

*

TÍTULOS FASE MICRORREGIONAL Pedralva/MG

Módulo I
Vôlei Masculino
Xadrez Feminino
Xadrez Masculino

Módulo II
Vôlei Masculino
Handebol Masculino
Xadrez Feminino
Xadrez Masculino

OBSERVAÇÕES

Os Jogos Escolares de Minas Gerais – JEMG é o maior e o mais importante Programa esportivo-social de Minas Gerais e envolve escolas públicas e particulares. O Módulo I é para alunos de 12 a 14 anos (nascidos em 2005, 2004 e 2003) e, o Módulo II, de 15 a 17 anos (nascidos em 2002, 2001 e 2000).

Não houve Xadrez na Etapa Municipal

A competição foi muito boa, com equipes fortes. Para a Etapa Regional, precisamos intensificar os treinos.
Valência Conti
Professora de Educação Física e técnica dos times de Handebol

Nossos atletas demonstraram maturidade, garra e determinação durante os jogos, tanto na fase municipal quanto microrregional.

Alexsandro Souza
Professor de Educação Física e treinador de Vôlei e Futsal

Foi um resultado excelente e mostra que, a cada ano, nossa equipe está melhor. Agora, precisamos intensificar os treinos porque a próxima fase tende a ser mais difícil.
Antônio Martins
Professor e técnico da equipe de Xadrez

Estamos muito felizes com a conquista. Foi emocionante porque disputamos jogos com várias escolas diferentes.

Harley Davidson Vieira da Silva
Aluno do 9º ano – Ensino Fundamental II (Turma F92)

ESPORTES

Orgulho de mãe em dose dupla

Maria Virginia Gelfuso

Mãe dos alunos Júlia G. Thomazini – 7º ano do Ensino Fundamental II (Turma F71) e Rafael G. Thomazini – 1º ano do Ensino Médio (Turma M12)

Com a realização do JEMG (Jogos Escolares de Minas Gerais), tive a oportunidade de ter uma experiência incrível! Estive nas arquibancadas torcendo pelo Curso G9 no Futsal Feminino (Módulo 1) e no Vôlei Masculino (Módulo 2).

Foi muito intenso torcer por meus filhos porque os outros times também estavam bem preparados e, a cada jogo, o desafio aumentava.

Tive uma interação com os amigos dos meus atletas e me senti jovem de

estar lá fazendo parte de uma torcida tão jovem, tão linda, tão cheia de vontade de vencer! Sofri, torci, gritei, chorei, mas acima de tudo, senti muito orgulho, em dose dupla, ao ver meus dois filhos, representando o G9. Que venham os jogos Regionais! Haja coração de mãe!

Mais uma vez, muito obrigada professor Alex Souza pela oportunidade que vem dando aos meus filhos e a nós, pais deles, permitindo-nos fazer parte desta

incrível experiência de inserção dentro do mundo do esporte.



PRÁTICA PEDAGÓGICA

Um pouco de história

No dia 22 de abril de 1500, os portugueses chegaram ao litoral brasileiro: Terra à vista!!! Com a representação desse marco, os alunos produziram a capa de seu caderno de história, dando início aos seus estudos. Como será que os índios e os portugueses reagiram nesse momento no qual duas culturas tão diferentes se encontraram? Confira como nossos alunos percebem o tema.

Confira a visão de dois olhares sobre o mesmo fato.

João Pedro Vieira

Aluno do 5º ano – Ensino Fundamental I (Turma F51)

V **VISÃO DO NATIVO** - Olá, meu nome é Jaguar, da tribo tupi. Eu vim contar o dia mais estranho da minha vida. Eu estava afiando minha flecha quando vi coisas enormes, que pareciam nuvens diferentes no horizonte. Fiquei com medo e com arrepio no meu corpo. Tentei me aproximar da praia para ver de perto o que era. Foi quando vi aqueles homens muito brancos, cobertos por tecidos estranhos, carregando objetos estranhos e brilhantes. Comecei a sentir medo, porém sentia uma curiosidade incontrolável. O que eram aqueles homens? O que vieram fazer aqui? Eram confiáveis? Por um instante pensei que sim. Foi uma triste ilusão.



Lucca de Carvalho
Turma F51

Os ataques contra os povos indígenas eram chamados pelos governantes portugueses de “guerra justa”. Os governantes portugueses consideravam que eram justas as guerras contra os indígenas que se recusassem a virar católicos ou impedissem o trabalho dos padres.

VISÃO DO PORTUGUÊS - Oi, meu nome é Joaquim, morava em Lisboa, Portugal. Embarquei com Pedro Álvares Cabral a caminho das Índias. Vou contar a vocês sobre um dos dias mais surpreendentes da minha vida. Fazia tempo que já estávamos no mar, até desconfiávamos que tínhamos errado o caminho. Foi quando um marujo gritou: Terra à vista! Quando vimos a terra, ficamos admirados. Chegamos mais perto e vimos homens estranhos, sem roupa, sem casa, sem nada e aí tivemos a certeza, não chegamos às Índias, mas sim a uma terra nova.

A “guerra justa”

A aluna Maria

Eduarda Damas Caetano (Turma F52), imaginou ser uma indígena que resistiu à ocupação de suas terras pelos portugueses. Confira.

Vossa Majestade,
Venho lhe pedir que respeite nossos direitos, queremos nossa liberdade de volta.

A natureza é nossa vida e nossa casa.

Vocês invadiram nossas terras e roubaram nossa paz. Não é justo sermos tratados como objeto de comércio. Somos seres humanos como vocês.

Gostaria que, por alguns minutos, Vossa Majestade se colocasse em nosso lugar, porque estamos sofrendo com essa guerra.

Ass. Potira Curam Onateka Pataxó



Maria Eduarda
Damas Caetano
Turma F52

PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cartografando nos cantos do G9

Rayssa Ribeiro de Lima
Professora de Arte – Educação Infantil

Q trabalho com o espaço é alcançado, gradativamente, à medida que a criança toma contato com o espaço de sua ação, vivido e experimentado. A partir desse contato próximo e concreto, vai construindo a noção de espaço percebido e concebido, que não são tão vivenciados diretamente.

Em união com a área de Arte, as professoras regentes de Geografia, do 2º ano, fizeram uma proposta aos alunos: eles tinham que fotografar diferentes espaços da escola e fazer a leitura dessa imagem.

Nas aulas de Arte, a proposta era a transformação da foto em desenho, a partir da observação de cada detalhe presente na fotografia: o que estava próximo e distante entre si, assim como a presença de elementos como plantas, grades, parques, cores, tijolos, piscina, restaurante, rampa dentre outros. Os diferentes pontos de vista foram explorados em Geografia a fim de identificar as posições e trabalhar as relações espaciais.

Trabalhar desenhos com as crianças é possibilitar novas maneiras de ver e compreender as coisas e as próprias ideias. O aluno quando desenha expressa sua visão e seu raciocínio. ■



Melissa Johansen Drago
(Turma F21)

A fantástica fábrica de ideias

Mariana Amorim Santos
Aluna do 6º ano – Ensino Fundamental II (Turma F61)

"A fantástica fábrica de chocolate" é o livro que as turmas do 6º ano leram no 1º bimestre. Esse livro é muito legal e foi divertido trabalhar com ele na sala de aula!

A história é sobre uma fábrica de chocolate. Todos achavam o chocolate maravilhoso. Um dia, cinco crianças tiveram a oportunidade de conhecer essa fábrica, e quem fosse o último a ficar nela ganharia o maior prêmio de sua vida.

Com esse livro, nós fizemos vários trabalhos legais. Um, por

exemplo, nós tivemos que fazer, em dupla, uma história em quadrinhos sobre um dos capítulos. Outro, desenvolvemos um convite para o aniversário de Charlie, usando somente substantivos masculinos. Criamos também um irmão ou irmã gêmeo para o Sr. Wonka. Criamos, ainda, cinco novas crianças para conhecer a fábrica.

Foi muito interessante fazer esses trabalhos, pois foi uma forma divertida de aprender. Esse trabalho me trouxe novos conhecimentos. ■



DICA DE LEITURA



LEITURA

Biblioteca: espaço vivo e atraente

Rejane Ribeiro de Lima
Assistente da Biblioteca – Curso G9



Gosto muito da biblioteca, é muito legal, tem um monte de livros para ler e eu gosto muito da Tia Rejane, ela é muito criativa e conta histórias legais. Os livros separados por cores ficaram bem melhor para achar o livro da sua idade e fácil de guardar.

Vitória Santos Rocha
Aluna do 3º ano – Ensino Fundamental II (Turma F32)

A escola é, por excelência, o lugar da formação de leitores. Para muitas crianças, é na escola que se dará o contato inaugural, a possibilidade de ler textos diversos, de conhecer diferentes modos de ver o mundo, de observar diferentes imagens, traços e referências estéticas.

Muito tem se falado sobre o papel fundamental que a escola ocupa nesse processo de formação de leitores, na importância do bibliotecário como mediador nas escolhas dos livros feitas pelos alunos.

Como bibliotecária, observava muito a dificuldade dos alunos na escolha dos livros e diante disso tive a ideia de classificar os livros infantis por cores, com o objetivo de facilitar a busca e a utilização das informações pelos pequenos usuários sem que eles precisassem de ajuda, tornando assim o processo ensino-aprendizagem mais efetivo, estimulando a prática de leitura nas crianças, com o intuito de aproximar o público infantil dos livros e de despertar o interesse, a curiosidade e o encantamento

nas crianças.

De acordo com o Portal do Bibliotecário¹, a biblioteca infantil é um ambiente que possui características próprias e sua comunicação visual merece atenção especial: a busca de um sistema de sinalização que utilize recurso de linguagem visual visa não só à estética mas, principalmente, à facilidade de uso do seu ambiente, o que proporciona uma melhor interação entre o usuário e a informação.

Para facilitar o entendimento da organização da biblioteca para as crianças, os livros na biblioteca infantil do G9 são classificados por cores que vão desde a Educação Infantil até o 5º ano do Ensino

Fundamental I. Cada cor, colocada na etiqueta, determina a série em que o aluno se encontra. A Educação Infantil e o 1º ano ficaram com o azul (obras de diversos tipos, pop-ups, ilustrados, com abas, texturas, letras grandes, textos pequenos); o 2º ano, com o verde (obras com textos maiores, letras grandes, ilustrados, linguagem de fácil entendimento); o 3º ano, com o amarelo (histórias mais longas e poucas ilustrações, textos diversos e um pouco mais complexos); o 4º ano, cor vermelha e o 5º ano com a branca (para o 4º e 5º ano, as histórias possuem enredos mais densos, com uma linguagem mais elaborada e diferentes gêneros textuais como contos, crônicas, mitos, lendas, entre outros).

O que se percebe é que, com a classificação por cores, encontrar o livro desejado é muito mais simples e fácil, pois as cores são uma das primeiras linguagens que a criança aprende. ■

Referência:
www.portaldobibliotecario.com

DICA DE LEITURA


Uma história do fundo do mar

Isadora Alvarenga e Silva
Aluna do 4º ano – Ensino Fundamental I (Turma F41)

Quando eu abri o livro e li o primeiro parágrafo, me senti no fundo do mar! A Escolinha do Mar é o melhor livro sobre o fundo do mar que eu já li!

Esse livro conta a história de Peixoto, um peixinho travesso, e Tubaronete, um tubarãozinho que aprontou várias aventuras! Lá, dona Ostra e o professor Camarão ensinam felizes sua lição.

Pode confiar, ele é incrível! Ele é da coleção Vou te Contar! Será que o Tubaronete e Peixoto vão aprontar? Aba e descubra! Leia!

A Turma do 4º ano fez resenha de alguns livros direcionados aos alunos do 3º ano, com a supervisão da professora Luciana Guedes.



INTEGRAÇÃO

A primeira semana da minha filha na escola, e nossa adaptação

Maria Elisa Evangelista Maciel
Mãe da aluna Melissa – Maternal I
(Turma E22)

Sim, nossa adaptação. Afinal, a primeira semana do filho na escola é um fato emocionante, tanto para os pais quanto para os filhos.

Minha filha caçula se chama Melissa, tem dois anos e quatro meses de vida (para ser exata) e acaba de ingressar no universo escolar. Nossa primeira semana no Curso G9 teve dois pontos de vista: o da Melissa (a filha) e o meu (a mãe).

Do ponto de vista da Melissa: um lugar novo, cheio de crianças, muitos brinquedos, mesinhas, cadeirinhas, lancheiras, muito choro.... seguido de mais choro e um longo período sem mamãe e sem papai.

Do meu ponto de vista: um ambiente estruturado, seguro e estimulante, com profissionais



Dia da Meleca e Dia da Redonda foram duas das atividades de integração do projeto “Sou feliz, sou aluno G9”



atenciosos por todos os lados.

Como tantas outras mães, tive muitos sentimentos diversos, tanto bons – como a convivência em grupo e o favorecimento à autonomia – quanto ruins, tais como ansiedade, medo do novo e angústia de

separação.

Por diversas vezes, me perguntei se era realmente o momento certo de inserir minha filhinha na escola. Procurei informações em revistas conceituadas e especializadas sobre o universo infantil, estudos de

casos relacionados à primeira infância e cheguei à conclusão que sim, era sem dúvida o momento ideal, pois a educação infantil é a etapa mais importante para a criança e todo aprendizado adquirido nesta fase ficará registrado para a vida toda. ■

A difícil mudança do 5º para o 6º ano

Lívia Mohallem Alves
Aluna do 6º ano – Ensino Fundamental I (Turma F61)

A mudança do 5º para o 6º ano exige muita responsabilidade.

Existem muitas mudanças, como: do 2º para o 3º ano, do 3º para o 4º ano, do 4º para o 5º ano, e essas mudanças são consideradas passos, passos para continuar caminhando no caminho que se chama “vida”. Mas a mudança do 5º para o 6º ano é um passo muito grande nessa caminhada, é uma evolução muito grande.

Há várias mudanças, por exemplo, o que mudou na minha vida nessa fase: o horário, os novos professores, as matérias (foram adicionadas e retiradas algumas matérias) e a mudança do valor

das notas.

Pode ser que eu tenha citado algumas muito pequenas, mas são mudanças e elas acontecem na nossa vida e nós não podemos fazer nada!

No quinto ano, somos os mais velhos da escola! Nós nos achamos! Mas, no sexto ano, somos os mais novos! Voltamos a ser humildes!

No primeiro dia de aula no 6º ano, é uma ansiedade sem fim. Mal dormimos à noite, imaginando como seria.

E essa foi a minha visão da mudança do 5º para o 6º ano. Você pode ter tido uma visão diferente, mas para mim e para os meus pais foi essa! ■



A primeira semana letiva foi marcada por atividades de integração em todos os segmentos

INTEGRAÇÃO

Prazer e alegria na adaptação escolar

Veridiana de Oliveira Fernandes

Professora do Ensino Infantil – Maternal I (E22)

Primero dia de aula. Mamãe vem com seu filhinho de quase dois aninhos no colo, já todo uniformizado, com sua mochilinha, e o entrega à professora do Maternal para a sua primeira experiência escolar. Medo, ansiedade, dúvidas e muitas lágrimas são comuns tanto para os filhos quanto para as mães. “Será que ele vai sentir minha falta?”; “Será que ele vai ser bem cuidado?”; “E se ele cair e se machucar?”; “E se ele ficar me chamando o tempo todo?”.

Qual mãe não se identifica com uma cena dessas? Sentimentos de ansiedade, aflição e dúvidas são muito comuns aos pais nos primeiros dias de aula. E por ser um novo ambiente, totalmente diferente do familiar, sem a presença dos pais e cercado de pessoas desconhecidas, é natural

que a criança se sinta insegura, com medo e desprotegida, pois está fora de sua zona de conforto. Por isso que a adaptação escolar da criança é fundamental para que se sinta segura e feliz no novo ambiente.

Pensando em tudo isso, nós, do Curso G9, desenvolvemos um período de adaptação escolar totalmente diferenciado, com muito amor, carinho e dedicação, que proporciona alegria, prazer e segurança aos novos alunos, além de dar maior tranquilidade aos pais. A adaptação consiste em estabelecer uma nova rotina da criança longe dos familiares e criar, gradativamente, vínculos com os professores e coleguinhas. A atenção individualizada a cada criança, buscando conhecer cada uma de suas características e afinidades, bem como o cuidado e o zelo das professoras, demonstrados em



Brincadeiras na piscina e lanches gostosos dos “mestres-cucas” do Curso G9: integração de maneira lúdica e divertida

gestos de carinho e afetividade, oferecem ao novo aluno suporte necessário para que ele sinta-se feliz em sala de aula.

A adaptação escolar insere os alunos no ambiente coletivo onde são estimulados a participar de atividades lúdicas que

propõem movimento, observação e experimentação. Arte, brincadeiras, literatura, culinária e outras linguagens garantem a integração com os coleguinhas e professores, garantindo o desenvolvimento seguro e saudável da criança. ■

Gostoso do tamanho do céu

Texto Coletivo – Alunos do Jardim II

É legal pintar, sujar a mão e fazer um desenho parecido com arco-íris.

É delicioso ser mestre-cuca e fazer sanduíche com todas as coisas gostosas de comer. É divertido igual à distância daqui a Plutão.

É gostoso fazer suco de maracujá, que nos ajuda a dormir em casa, e trazer os brinquedos para se divertir com os amigos da outra sala. Fazer uma grande meleca e andar de bicicleta, de patinete, de carrão e chupar chup-chup em um dia de calor.

Gostamos de todos os dias da Semana Sou Feliz, sou Aluno G9! O mais legal foi o dia sobre rodas: tra-

zer a bicicleta, o patinete, o carrão, o triciclo e o velotrol. Até sentir o ventinho no rosto foi bom.

E agora, acabou? Hoje não é dia de nada? Hum, tudo bem! Somos felizes, pois estamos juntos com nossos amigos! ■

Texto escrito com a mediação da professora Ana Paula Vieira



MAIS FOTOS



PRÁTICA PEDAGÓGICA



Gabriel Venegas Barbosa
Chucre (Turma F22)

A riqueza das diferenças

*Nós assistimos ao vídeo do livro **Diversidade**, da autora Tatiana Belinky, juntamente com os amigos da Turma F22. Conversamos e decidimos criar um painel: “Somos todos diferentes.” Nesse painel, desenhamos diversas pessoas, destacando as características de cada uma. E aprendemos que é preciso respeitar as diferenças.*

Texto Coletivo

Alunos do 2º ano – Ensino Fundamental I (Turma F21)

Elaine Cortez

Professora do 2º ano – Ensino Fundamental I (Turma F22)

Como sempre, é com muito carinho que nós, professoras, preparamos a primeira semana de aula. Nesse tempo, há os reencontros e novos encontros que nos fascinam e deixam marcas vibrantes. Acreditamos que é por meio da relação com o outro que o indivíduo se desenvolve, aprende e se constitui. Na escola, o aluno aprende a conviver com as diferenças de forma harmoniosa e pacífica, rompendo com as atitudes de desrespeito e discriminação.

Por isso, em um dos nossos primeiros momentos, planejamos conversar sobre a diversidade. E a experiência aqui relatada é fruto da leitura do livro “Diversidade” de Tatiana Belinky que, com clareza nas palavras, envolveu os alunos para o início da conversa sobre diferenças: “Se todo mundo fosse igualzinho, o

mundo não teria graça! Mas só reconhecer que as pessoas são diferentes não basta. É preciso respeitar as diferenças. E os versos de ‘Diversidade’ nos ensinam isso, que não há um jeito único de ser – ‘assim ou assado, todos são gente, tudo é humano’”.

O trabalho com o livro envolveu todas as turmas do Ensino Fundamental I. Nós, do 2º ano, conversamos sobre respeito e algumas das falas dos alunos eram: “Eu já sei que aqui no G9 só tem uma regrinha, que é o respeito!”. O cuidado com o relacionamento saudável depende diretamente dessa comunicação estabelecida. O cuidado com as individualidades foi tema inicial, mas predominará durante todo ano a fim de manter a harmonia na convivência.

A montagem de um painel com o título: “O que cabe em nossa escola?” e “O que não cabe em nossa escola?” foi uma

No primeiro bimestre, a professora Pollyanna nos ensinou a usar várias ferramentas do Google, como o Google drive, a agenda do Google e um pouco mais sobre o e-mail. No começo foi um pouco difícil, mas depois foi ficando fácil.

Essas ferramentas ajudam muito no dia a dia. Gostamos muito de aprender sobre essas ferramentas!

Rafael Neves

Aluno do 7º ano – Ensino Fundamental II (Turma F72)



Rokhaya Kane (Turma F21)

das propostas para definirmos pontos fundamentais do relacionamento e do cuidado que devemos ter com o outro e com o ambiente. A apresentação de

forma simples, por meio dos próprios desenhos das crianças, nos permitiu montar um lindo mural sobre “A riqueza das diferenças!”

VIDA SAUDÁVEL

Saúde em pauta: alimentação balanceada

Pollyanna Marcondes Freitas Leite

Professora de Ciências 7º e 8º anos

Ensino Fundamental II e Biologia – Ensino Médio

Juliana Siqueira da Silva

Nutricionista do Curso G9

Todo início de ano letivo, os professores de Educação Física realizam um trabalho de compreensão do Índice de Massa Corporal (IMC) com os alunos.

Este ano, essa prática foi associada a um trabalho interdisciplinar com Ciências e Matemática, além do apoio da nutricionista da escola, Juliana Siqueira da Silva.

Atualmente, os jovens estão cada vez mais envolvidos nas redes sociais e jogos de computadores, o que os têm tornado sedentários. Nesse ritmo de vida, é muito fácil desenvolver um hábito alimentar incorreto, alimentando-se com lanches

rápidos e muito calóricos.

Uma dieta balanceada em carboidratos, proteínas e vitaminas torna-se cada vez mais necessária, pois nesta fase, em que estão em desenvolvimento, surge a necessidade de uma alimentação equilibrada, bem como a prática de atividades físicas.

É indicado aos pais que aumentem a atenção a qualquer sinal de obesidade e possíveis doenças secundárias como hipertensão e diabetes tipo 2, que são as mais frequentes. É necessário que eles procurem um profissional responsável para que, juntos, revertam o quadro. É na infância que os hábitos

alimentares saudáveis são implantados e trazem bem-estar no futuro. Durante a adolescência, faz-se necessária a observação para confirmar se realmente estão colocando em prática o que anteriormente aprenderam. A dieta tem que ser de acordo com a necessidade diária de cada um.

Essa atividade também permitiu aos alunos trabalharem quantidades calóricas, elaboração de dietas equilibradas para exemplos biométricos diferentes e discussão sobre os países que influenciaram nossa cultura alimentícia.

A nossa cultura (nossas crenças, tabus, religião, entre outros fatores) influencia diretamente

a escolha dos nossos alimentos diários. A cozinha brasileira tem por base a cozinha portuguesa, com grande influência indígena e africana. Entretanto, nos dias atuais, há países que influenciam diretamente nossa dieta: Japão, China, Estados Unidos da América, Itália, México.

Percebemos que os hábitos mais perigosos para um quadro que nos leve a problemas de saúde são os mais utilizados pela maioria dos alunos. Os pratos mais famosos são: pizza (origem italiana) e lanches rápidos (EUA).

Por isso, esse trabalho se mostrou de imensa relevância. ■

Qual é a verdadeira páscoa: o chocolate ou Jesus?

Aline Chiavenato Souza

Aluna do 6º ano – Ensino Fundamental I (Turma F62)

Muitas pessoas acham que Páscoa é só comer chocolate, viajar e curtir o feriado.

Mas ela não é só isso.

O principal motivo de a celebrarmos é a ressurreição de Jesus Cristo, nosso Salvador.

Ele veio até o mundo, teve uma morte, e morte de cruz. E Ele ressuscitou, tudo isso para nos salvar e nos libertar de nossos pecados.

Claro que podemos comer chocolate, mas também devemos lembrar-nos de tudo o que Ele passou para nos salvar. ■



VIDA SAUDÁVEL

Para um futuro saudável

Alunos do 2º ano – Ensino Fundamental I
Turmas F21 e F22

Para termos uma vida saudável, o nosso corpo precisa de uma boa alimentação, de atividades físicas, boas noites de sono e encontros com a família e com os amigos.

Nós, alunos do 2º ano, das turmas F21 e F22, realizamos várias atividades para aprendermos mais sobre a saúde de nosso corpo. Conversamos muito sobre esse tema com os colegas, com a professora, com os familiares. Durante as atividades, olha só o que fizemos juntos: montamos um prato saudável, utilizando gravuras e desenhos; entrevistamos a nutricionista Juliana, do Espaço ConViver, o restaurante do G9, que nos deu várias dicas de saúde e de cuidados com a nossa alimentação, além de contar um pouco sobre seu trabalho; conhecemos cada ambiente do restaurante, que é muito limpo e organizado; e realizamos atividades no livro didático de Ciências.

Em cada uma dessas atividades, aprendemos que é muito importante cuidar bem de nossa saúde para não ficarmos doentes. Isso vai nos ajudar a ter uma boa vida no futuro! 🍎

Texto com mediação das professoras
Vanessa Dalla Rosa e Elaine Cortez



Foi muito legal a visita porque vi como funcionam as comidas no nosso organismo. A alimentação saudável tem que ter cinco cores diferentes no prato e eu como, às vezes, quatro ou cinco cores.

Daniel Cardoso Franceschini
Aluno do 2º ano – Ensino Fundamental I
(Turma F21)

Vivemos em um mundo em que a maioria dos alimentos é industrializada. Devemos incentivar as crianças a terem uma alimentação equilibrada para que elas tenham uma vida mais saudável.

Vanessa Maduro de Almeida Dalla Rosa
Professora do 2º ano – Ensino Fundamental I

FEIRA DO CONHECIMENTO

Música: Ferramenta na transformação social

Vinicius Ferreira dos Santos

Aluno do 8º ano – Ensino Fundamental II (Turma F81)

Música, um tema tanto quanto intrigante. Já se perguntou alguma vez sobre o que é música? Que sentimentos a música pode trazer? Como podemos nos expressar por meio dela?

Nós, do 8º ano, vivemos essa experiência.

Realizamos uma atividade sensibilizadora em que ouvimos diversos sons: alguns agradáveis e relaxantes, outros agudos e desconfortáveis, e deveríamos classificá-los como sendo música ou não, e que sensações ou palavras eles nos traziam à mente.

Isso nos fez pensar sobre o que é música. Será que qualquer som é música? A resposta foi não. Ninguém classificou um barulho irritante como música e nem concluiu que ela pode ajudar a expressar nossos sentimentos. Assim concluímos que a música tem que ter um sentido, uma ordem, uma harmonia.

Entretanto, após a interven-

ção dos professores Mateus, Pollyanna e Eloíza, que são os responsáveis pelas nossas turmas e também com a palestra dos professores Petrus e João César, podemos perceber que todo som nos traz sensações, sejam elas boas ou ruins.

Também discutimos como a música transforma e comove a sociedade, citando exemplos clássicos de sátiras de Chico Buarque e de Geraldo Vandré. Vimos que em várias músicas há uma crítica oculta em que, na maioria das vezes, o autor criticava o Governo ou a sociedade.

Em nossos subtemas, estamos trabalhando os sons que nos auxiliarão em nossas futuras profissões e, também, o som como instrumento de transformação social.

Assim, aprendemos a relação entre a Música e a História, a Sociologia, a Biologia, a Matemática, as Linguagens e você poderá aprender muito mais na nossa Feira do Conhecimento. ■



Debater música foi algo que me chamou bastante atenção por ser um assunto que faz parte do cotidiano de todos e com que convivemos desde pequenos. Além de gostar muito de música, tocar é um hobby para mim.

Diego Santos

 Aluno do 3º ano – Ensino
 Médio (Turma M31)

Cineclube aborda tema da Feira

A primeira sessão, do ano letivo, do Cineclube Curso G9 abordou o tema do trabalho interdisciplinar de Inglês e de Humanas do bimestre – “Música e Direitos Humanos” – e o tema da Feira do Conhecimento 2017 “Música: ferramenta educacional

de transformação da sociedade”. Além de possibilitar um debate sobre o assunto e aprofundar os conhecimentos dos alunos, a atividade teve o objetivo de sensibilizar os estudantes para o tema que será trabalhado durante todo o ano.

Para abordar o assunto, fo-

ram convidados o professor de Música e regente da Orquestra Experimental do Curso G9, João César da Silva, e o professor de Sociologia, Petrus Risetto. Eles debateram questões técnicas sobre a música, sua história e as questões sociais e políticas relacionadas ao tema. ■

FEIRA DO CONHECIMENTO

A música muda o mundo e o mundo muda a música



Alunos do Ensino Fundamental I tiveram uma conversa franca e divertida com Gildes Bezerra, autor da letra do hino itajubense

Isabela Spressola e Flávio Spressola

que é música? Há diversas respostas possíveis para essa tão pequena questão. Uma definição mais simples seria a arte de combinar sons de uma maneira harmoniosa e expressiva. É muito difícil definir música, pois ela expressa diversas coisas. Para alguns, pode ser pura matemática, para outros, mero entretenimento ou uma forma de relaxar. Mas também pode ser uma profunda forma de expressão de sentimentos, manifestação cultural e comunicação dos valores de um povo ou grupo de pessoas.

Não se sabe dizer ao certo como a música surgiu na história da humanidade. Nas pinturas rupestres do período pré-histórico, são encontradas figuras de pessoas tocando instrumentos musicais e outras dançando. Ao longo de toda a história, percebe-se a presença da música nas mais diversas situações, desde cultos religiosos, celebrações até batalhas e movimentos sociais.

Falar e discutir sobre música

foi a proposta que os professores Mateus, Eloíza e Pollyanna trabalharam com as turmas de 8º ano nas últimas semanas. Nesse período, uma série de pesquisas foi realizada como parte das atividades de sensibilização para a Feira do Conhecimento. Os alunos puderam aprender sobre história da música, aspectos técnicos e estilos musicais. Em uma das pesquisas, na qual identificaram canções que marcaram cada década recente, foi percebido o poder da música em expressar o pensamento de cada época.

Em outro momento, foi realizado um exercício de relaxamento seguido da exposição de diferentes sons para perceber-se a que cada um remetia. Mais tarde, relataram, em forma de cartaz, os sentimentos que foram percebidos durante o processo.

Seja expressando opiniões e sentimentos, como também influenciando a forma de pensar, a música está presente em toda a história da humanidade. A música muda o mundo e o mundo muda a música. ■

Intervalo Literário

O Curso G9 implanta mais um projeto que visa à integração dos alunos nos momentos extracurriculares: é o Intervalo Literário, organizado pela Biblioteca do colégio – um momento de leitura e bate-papo sobre livros e autores. A primeira edição aconteceu em abril, nos dois períodos letivos. A iniciativa vem se somar ao Intervalo Musical, que acontece mensalmente há quatro anos.





BASTIDORES

O que rola na ONHB 2017

Luiz Gustavo Carvalho Camanducaia

Aluno do 2º ano – Ensino Médio
(Turma M21)

NOVIDADES – A GNovidade fez algumas perguntas para a professora de História, Patrícia Ribeiro, para saber o que está rolando nos bastidores da preparação dos alunos para a 9ª Olimpíada Nacional em História do Brasil.

HISTÓRICO – Segundo a professora, o G9 quer manter o belo histórico nessa olimpíada escolar, em que já foi medalhista seis anos consecutivos – das sete edições de que participou. Neste ano, 15 equipes estão inscritas. Cada uma é formada por três integrantes, com alunos do 8º ano do Fundamental II ao 3º ano do Ensino Médio.

TRABALHO ÁRDUO – Por baixo de tanta história, Patrícia não esconde que o trabalho é sempre muito árduo para chegar até a última fase, que se realiza na Unicamp, a organizadora do ONHB. Os alunos fazem as tarefas e depois se reúnem para discutir as questões com todas as equipes juntas. O segredo para se sair bem e ascender à Unicamp é a dedicação, estar disposto a ler artigos e fazer análises.

BOA SORTE – A coluna “Bastidores” deseja a todos os participantes uma boa sorte na ONHB, que acontece do dia 8 de maio a 20 de agosto.

OFICINA DE COMUNICAÇÃO



Encontro com alunos do Ensino Fundamental II para discutir mudanças na revista; encontros também aconteceram no Ensino Médio

Uma revista para todos

Stella de Melo Silva

Aluna do 9º ano – Ensino Fundamental II (Turma F91)

A revista “Gnovidade” é um privilégio que temos na escola. Nela são mostradas as atividades dos alunos e funcionários e também o que houve durante os últimos meses, como festas comemorativas e torneios, entre outros eventos. Ela assim é feita para todos lerem e saberem o que aconteceu e o que está por vir.

No último bimestre, o conselho editorial, as professoras de Português e de Arte e o jornalista responsável pela revista, Bill Souza, convidaram alunos do Ensino Fundamental e Médio que gostam de escrever ou de fotografar para o projeto de comunicação, que dará apoio à revista durante o ano letivo de 2017.

O principal assunto da reunião foi como deixar a revista mais atraente para os alunos que, de acordo com os estudantes, acham que ela está

voltada mais para os pais. Todos presentes deram sugestões de como transformar a revista, deixando-a com uma linguagem mais clara, cores mais vivas, entre outras.

Essa iniciativa é interessante tanto para nós, membros do novo grupo, como para os

outros alunos, pois é um jeito de os textos ficarem de uma maneira mais fácil para os jovens se entreterem e entenderem; e para treinarmos e melhorarmos nossas habilidades. ■

A Gnovidade trará novidades a partir da próxima edição. Aguardem!



GUIA DE PROFISSÕES

Hora de escolher o caminho a seguir

Brendha Eduarda Carvalho Mota
Aluna do Pré-vestibular

Alunos do 3º ano do Ensino Médio e Pré-vestibular do Curso G9 foram convidados a visitar a Faculdade de Medicina de Itajubá, em abril. Os estudantes conheceram as salas de Microbiologia, Anatomia, Histologia e Patologia.

Na sala de Microbiologia encontram-se vários tipos de fungos e parasitas e algumas espécies de aranhas e cobras. Na área da Anatomia estavam os ossos, vários órgãos internos e corpos, os quais são utilizados pelos alunos da faculdade para análise e estudo. A sala de Histologia e Patologia é o lugar onde os alunos analisam, com a utilização de microscópios, células e tecidos em formação ou com algumas anomalias.

O Curso G9 sempre apresenta os cursos de biológicas, pois grande parte de seus estudantes tem interesse em medicina. A visita à faculdade é uma forma de maior incentivo, uma vez que os alunos passam a adquirir maior convicção e conhecimento da faculdade em que pretendem ingressar. ■



Guia de Profissões teve palestras sobre Direito, as áreas de Engenharia, cursos no exterior e visita à Faculdade de Medicina de Itajubá

Corrupção: onde mora, o que come, do que gosta?

Pedro Henrique Mouallem Gonçalves
Aluno do 9º ano – Ensino Fundamental II (Turma F91)

Primero vou me apresentar. Eu sou seu pior inimigo. Sou o celular sem bateria. Sou o banheiro sem papel higiênico. Sou a corrupção.

Respondendo à pergunta do título, moro em sua casa, como a sua comida e gosto do que você gosta. Mas, daí você me pergunta:

– Mas eu não sou político, como posso conviver com a corrupção?

Respondo com outras perguntas:

– Já furou fila? Já tirou vantagem sobre outra pessoa? Já colou?

Então você me responde:

– Mas eu nunca fiz essas coisas, sou muito correto!

Então, primeiro, eu vou rir e depois responder:

– Sei né, somos todos anjinhos.

Explico meu raciocínio. Mesmo que ajamos corretamente, a cultura da corrupção ou jeitinho brasileiro está enraizada em nossa sociedade, desde a infância até a velhice. As pequenas corrupções do dia a dia como furar fila, colar na prova ou mesmo comprar produtos falsificados podem até ser consideradas bobagens. Mas, se nossa sociedade é corrupta, como nossos representantes serão? E nossas crianças e jovens?

– Mas qual a solução?

A solução não é rápida, não é fácil e, muito provavelmente, não partirá de nossos representantes. A solução tem de ser iniciada pela população, pois da população que brota a corrupção, tudo que está ocorrendo no Brasil é pura consequência de nosso jeitinho e, portanto, pode ser cortada pela raiz. ■

PROJETO PEDAGÓGICO

Um clube para quem gosta de Ciência


Gustavo Taets e Sales

Aluno do 6º ano – Ensino Fundamental II (Turma F62)

Você, leitor, gosta de Ciências? E de um clube?

Se gosta mesmo disso, entre para o “Clube de Ciências” do Curso G9! Nele você poderá fazer um foguete, ver uma melancia explodindo com elásticos, cuspir fogo, além de ver filmes sobre astronomia e aprend-

der muito mais!

Os encontros são com os professores de Matemática, Mateus Bibiano e Vicente Carlos Martins, o VC.

Por isso, você, aluno do turno da manhã, faça parte também desse “clube” e divirta-se! Os encontros são sempre às quintas-feiras, às 14 horas. ■



A proposta do Clube de Ciências é muito significativa para os alunos porque eles podem ver, na prática, diversos conteúdos que só conheceriam pela teoria. Muitas vezes, eles questionam a veracidade dos conteúdos e assim eles podem comprová-la de uma maneira chamativa e divertida.

Matheus Bibiano
 Coordenador do Clube de Ciências

É a primeira vez que participo de um experimento do Clube de Ciências e estou adorando. Resolvi conhecer porque meus amigos contaram que era muito interessante. Realmente é um excelente aprendizado que complementa o que vemos na sala de aula.

Sofia Silva
 Aluna do 7º ano – Ensino Fundamental II (Turma F71)

Arte de se expressar

Beatriz de Souza Faria Floriano - F82

Aluna do 8º ano – Ensino Fundamental II (Turma F82)

Arte, tema complexo que podemos resumir em poucas palavras: forma de se expressar. Atividades como música, dança e teatro nos possibilitam extravasar de forma implícita e

leve, liberando nossas emoções.

Além de fazer com que as pessoas manifestem seus sentimentos, a arte também é responsável por recuperar a saúde física e mental, trabalhar a concentração, a reflexão, organizar as ideias e

diminuir a ansiedade, aumentando assim a autoestima de forma equilibrada e saudável.

Pesquisas indicam que pessoas inseridas no meio artístico possuem menos desejo de consumo, contribuindo assim para a diminui-

ção do materialismo na sociedade.

Logo, cada pessoa é responsável por encontrar, através da arte, maneiras de transmitir suas emoções e pensamentos com o objetivo de “tocar” o próximo de forma positiva. ■



PRÓXIMA EDIÇÃO

Já estamos trabalhando a próxima edição. Confira o que vai rolar: Torneio de Robótica; Gincana; homenagem à diretora pedagógica, Maria Aparecida Fernandes; apresentações artísticas para marcar o mês das mães; e muito mais!





Curso G9

**Um novo
tempo
Valores que
permanecem!**



www.curso-g9.com.br



@cursog9itajuba

Do Maternal ao Pré-vestibular

Matrículas abertas!

(35) 3623-1877

Av. Dr. Jerson Dias, 175 - Bairro Estiva, Itajubá/MG